

ENTRE A BIBLIOTECA E A CLÍNICA: PATOLOGIAS NO IMAGINÁRIO LITERÁRIO DO NATURALISMO*

RESUMO

A literatura enquanto monumento capaz de abarcar as mais diversas ciências se apropria de temas e práticas sociais inerentes à ordem do real para sua constituição (BARTHES, 2013). Nesse sentido, as patologias que acometem o sujeito constituem um campo fértil de atuação para as narrativas literárias, de modo a explorá-las e investigar suas acepções no âmbito social, no espaço-tempo recortados. Assim, a vertente que mais se desponta a abordar tais moléstias é a do Naturalismo, marcada particularmente pelo cientificismo e pelo senso do real. Logo, a investigação feita neste trabalho permeia as manifestações e teorias no que se referem ao alcoolismo, à loucura, ao tratamento de reclusão e às demais doenças derivadas do excesso alcoólico. A partir de aportes teóricos como de Émile Zola, Michel Foucault e Fernando Santos, que tratam respectivamente do romance experimental, da loucura e do alcoolismo, analisa-se aqui as patologias exploradas nos romances naturalistas *L'Assommoir* (1877) e *Alma em delírio* (1909), de modo a investigar as teorias científicas em torno dessas e, por fim, averiguar o papel da literatura enquanto mediadora do diálogo existente entre os discursos da ciência e do corpo social.

Palavras-chaves: Literatura. História da Saúde. Psiquiatria.

* Este artigo resulta da dissertação de mestrado, em vias de defesa, intitulada “Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em *Alma em delírio*, de Canto e Mello”, cuja pesquisa é vinculada ao PPG-Letras, da Unesp de São José do Rio Preto, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

BETWEEN THE LIBRARY AND THE MEDICAL CLINIC: PATHOLOGIES IN THE LITERARY IMAGINARY OF NATURALISM

Abstract:

The literature while as a monument capable of encompassing the most diverse sciences, appropriates themes and social practices inherent to the order of reality to its own constitution (BARTHES, 2013). In this sense, the pathologies that affect the subject constitute a fertile field of action for literary narratives, in order to explore them and investigate their meanings in the social sphere, in the cutout space-time. Thus, the literary movement that most stands out for addressing such diseases is the Naturalism, marked particularly by scientism and the sense of the real. Therefore, the investigation carried out in this paper permeates the manifestations and theories regarding alcoholism, madness, the treatment of seclusion and other diseases derived from alcoholic excess. Based on theoretical contributions such as Émile Zola, Michel Foucault and Fernando Santos, which deal respectively with the experimental novel, madness and alcoholism, is analyzed here the pathologies explored in the naturalistic novels *L'Assommoir* (1877) and *Alma em delírio* (1909), in order to investigate the scientific theories around them and, finally, to ascertain the role of literature as a mediator of the dialogue between the discourses of science and of society.

Keywords: Literature; Health History; Psychiatry.

ENTRE LA BIBLIOTECA Y LA CLÍNICA: PATOLOGÍAS EN EL IMAGINARIO LITERARIO DEL NATURALISMO

Resumén:

La literatura como monumento capaz de abarcar las más diversas ciencias se apropia de temas y prácticas sociales inherentes al orden de la realidad para su constitución (BARTHES, 2013). En este sentido, las patologías que afectan al sujeto constituyen un campo fértil de acción para las narrativas literarias, con el fin de explorarlas e investigar sus significados en el ámbito social, en el espacio-tiempo recortado. Así, el aspecto que más destaca para abordar este tipo de enfermedades es el Naturalismo, marcado especialmente por el cientificismo y el sentido de lo real. Por tanto, la investigación realizada en este trabajo permea las manifestaciones y teorías sobre el alcoholismo, la locura, el tratamiento de la reclusión y otras enfermedades derivadas del exceso alcohólico. A partir de aportaciones teóricas como Émile Zola, Michel Foucault y Fernando Santos, que tratan respectivamente de la novela experimental, la locura y el alcoholismo, las patologías exploradas en las novelas naturalistas *L'Assommoir* (1877) y *Alma em delírio* (1909), para investigar las teorías científicas en torno a ellas y, finalmente, investigar el papel de la literatura como mediadora del diálogo entre los discursos de la ciencia y el cuerpo social.

Palabras-clave: Literatura; Historia de la Salud; Psiquiatría.

1. INTRODUÇÃO

Considerando a Literatura como um monumento capaz de abarcar suficientemente todos os saberes inerentes ao homem e às suas respectivas atuações no meio social, conforme bem conceituou Roland Barthes em sua aula inaugural no Collège de France, em 1977 – “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.” (BARTHES, 2013, p. 16) – este trabalho visa investigar as relações existentes entre as manifestações narrativas literárias em conformidade com a história da saúde, da psiquiatria e das doenças representadas na arte literária. É possível sustentar-se, ainda, nas concepções do importante médico, psiquiatra e alienista francês do século XIX, Ernest Dupré (1862-1921), cujas contribuições diziam que, para se compreender bem a psicologia, era necessária uma leitura e apreensão de poetas e romancistas (PÉREZ-RINCÓN, 2010).

Trabalhar, de certa forma, com o olhar interdisciplinar garante uma reavaliação e novas fontes de contribuição para as diversas ciências envolvidas nesta investigação. Não obstante, sabe-se do poder realista – ou ao menos de verossimilhança – que a literatura possui, ao abordar homem e sociedade numa relação intrínseca e atemporal (BARTHES, 2013). Movimentos, escolas e estéticas marcam, assim, as manifestações literárias no decorrer dos séculos, em diferentes momentos históricos, sociais e políticos, sendo consistentemente representados pela literatura, ora mais realista, ora mais idealizada, ora maravilhosa, ora verídica. A literatura, assim, apropriou-se de temas inerentes à sociedade, à ordem do real e ao homem para constituir-se como tal, de modo a explorá-los em plurais vertentes, meios e fins. Nestas vertentes, figura-se a realista-naturalista, em que o Naturalismo muito se apropriou das ciências modernas (do século XIX) para a composição de seus enredos de cunho experimental.

No tocante ao movimento naturalista, esse emergiu por volta da segunda metade do século XIX, essencialmente na França, quando se falavam de importantes questões

progressistas: o avanço das ciências, novas descobertas científicas em torno da natureza e do ser-humano, inovações tecnológicas voltadas para o social, revolução industrial, entre muitas outras correlacionadas. Positivismo, determinismo, evolucionismo e darwinismo foram as palavras-chaves essenciais sob as quais o Naturalismo se despontou em solo europeu.

Nesta conjuntura contextual, Chales Darwin, naturalista britânico, em 1859, publicava seu livro *Origem das espécies (On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life)*, demonstrando uma importante pesquisa a respeito da evolução biológica, da seleção natural, do determinismo e da descendência genética. Concomitantemente, o médico e fisiologista Claude Bernard, apresenta, em 1865, sua *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental (Introduction à l'étude de la médecine expérimentale)*, influente obra sobre os sistemas de pesquisa e investigação à época, cuja tese propunha uma nova abordagem, a da observação e da experimentação. O médico e psiquiatra francês, Prosper Lucas, lança, entre 1847 e 1850 e em dois grossos volumes, seu *Tratado filosófico e fisiológico da hereditariedade natural nos estados de saúde e de doença do sistema nervoso, com a aplicação metódica das leis da procriação ao tratamento geral das afecções em que é a causa (Traité philosophique et physiologique de l'hérédité naturelle dans les états de santé et de maladie du système nerveux, avec l'application méthodique des lois de la procréation au traitement général des affections dont elle est le principe)*, cujas teorias postulavam seus estudos sobre a hereditariedade, a eugenia e a degenerescência.

Não somente, a sociedade que se deparava com novas mudanças em seu ímpeto organizacional, diante do embate moderno de classes sociais, burguesia e proletariado, corrobora para o estudo e materialização do *Manifesto do Partido Comunista (Manifest der Kommunistischen Partei)*, de Marx e Engels, em 1848, cujas contribuições marcaram e ainda tendem a marcar consistentemente os ideais sociais em nível global. E é nesse meio tempestuoso que o Naturalismo faz sua incursão (SODRÉ, 1965, p. 17).

A vertente naturalista surge, então, como uma nova forma de acompanhar os recentes desenvolvimentos do homem e da sociedade, correspondendo, assim, à perspectiva do real. Criou-se uma fórmula naturalista de modo a demonstrar e comprovar teses científicas, de maneira implícita ou explícita, transformando a literatura numa ciência experimental, como já ocorria com a fisiologia, a biologia, a psiquiatria, a antropologia e a sociologia. Émile Zola, chefe do movimento na França, sistematizou as características inerentes ao romance naturalista e experimental nos seus textos teóricos – ou manifestos – como em *O Romance Experimental (Le Roman Expérimental)*, 1880, e em *O Romance Naturalista (Le Roman Naturaliste)*, 1893. Contemplado pelos estudos de Claude Bernard, de Darwin e do Dr. Prosper Lucas, Zola passa a compor o perfil dessa nova estética que surgia, concatenando as teorias científicas, aplicadas às outras áreas, com a literatura:

Vemos também que o romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual exige o determinismo dos fenômenos estudados. (ZOLA, 1979, p. 31).

Assim, Zola considera que o romancista parte em busca de uma verdade, assim como um fisiologista: “O romancista parte da realidade do meio e da verdade do documento humano; se em seguida ele a desenvolve num certo sentido, já não é imaginação, a exemplo dos contistas [românticos], é dedução como entre os cientistas.” (ZOLA, 1995, p. 39). E por mencionar o meio, esse é outro ponto essencial de interesse do romance naturalista, sustentado também nas teorias de Darwin e na seleção natural, sobre influência direta no homem:

[...] no estudo de uma família, de um grupo de seres vivos, creio que o meio social tem

igualmente uma importância capital. Um dia, a Fisiologia nos explicará possivelmente o mecanismo do pensamento e das paixões; saberemos como funciona a máquina individual do homem, como ele pensa, como ele ama, como ele vai da razão à paixão e à loucura. Mas estes fenômenos, estes fatos do mecanismo dos órgãos que agem sob a influência do meio interior, não se produzem, externamente, de modo isolado e no vazio. O homem não está só, ele vive numa sociedade, num meio social; assim, para nós romancistas, este meio social modifica constantemente os fenômenos. Aliás, nosso grande estudo reside nisso, no trabalho recíproco da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade. (ZOLA, 1979, p. 43).

Nesse pensamento, o homem se constituía sobre influências de fatores internos e externos à sua existência, inserido num meio social não estanque, cujas mudanças afetam consistentemente sua natureza, composição, temperamento e caráter. Logo, o romancista naturalista passa a lidar com temas mais expressivos socialmente, sob o olhar investigativo e experimental das ciências, como a pobreza, a violência, a histeria, as doenças físicas e mentais, o vício, a loucura, etc., sendo os três últimos muito explorados nas narrativas naturalistas, elencando dados e teses da psiquiatria e da medicina social.

L'ASSOMMOIR E ALMA EM DELÍRIO: ALCOOLISMO, LOUCURA E A GRANDE INTERNAÇÃO

Aliadas ao movimento naturalista, surgem diversas narrativas cujos enredos movimentam temas correlacionando teses científicas vigentes e a ordem social. Dentre essas, destacam-se essencialmente duas para a investigação intentada neste trabalho: *L'Assommoir*, do escritor francês Émile Zola, e *Alma em delírio*, do brasileiro Canto e Mello.

O primeiro romance, publicado pela primeira vez em 1877 em volume (1876 em folhetim), apresenta como

enredo primordial a família de Gervaise e Coupeau, pertencentes à classe operária francesa da segunda metade do século XIX, sob efeito do alcoolismo e da loucura consequente, fatores esses que levarão à decadência moral e social de toda a família, além da morte do casal. *L'Assommoir* pertence à saga de Zola, *Les Rougon-Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*, composta por 20 volumes (romances) publicados entre 1871 e 1893, sendo este o sétimo livro da saga. Convém destacar que a pretensão de Zola nesta série de romances era de mostrar como o homem, sob influência do meio histórico, social e político e de fatores genéticos, agia, manifestando seus temperamentos e paixões, consoante teses científicas, conforme o próprio definiu no prefácio do primeiro romance da série, *La Fortune des Rougon* (1871):

Os Rougon Macquart, o grupo, a família que me proponho a estudar, tem como característica o excesso de apetite, a grande elevação de nossa era, que se apressa em desfrutar. Fisiologicamente, eles são a lenta sucessão de acidentes nervosos e sanguíneos que se manifestam em uma raça, em consequência de uma primeira lesão orgânica, e que determinou, de acordo com o meio, em cada um dos indivíduos dessa raça, os sentimentos, os desejos, os ardores, todas as manifestações humanas, naturais e instintivas, cujos produtos assumem os nomes carregados de virtudes e vícios. Historicamente, eles partem do povo [...] por essa impulsão essencialmente moderna que recebem as classes baixas movimentando-se pelo corpo social, e eles descrevem também o Segundo Império, usando seus dramas individuais. (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 26-27, tradução nossa).

O naturalista francês frisa tais questões, de modo a explorar a história social do século XIX – “uma estranha época de loucura e vergonha” (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 27, tradução nossa) – e sua influência direta sobre os cidadãos desse período, também em razão de leis relacionadas à hereditariedade genética.

No sétimo romance, em questão, também em seu prefácio, Zola manifesta seu objetivo central de apresentar o álcool como o principal elemento propiciador dos transtornos gerados na família Macquart-Coupeau:

Quis pintar a decadência fatal de uma família de operários, no pestífero meio de nossos arrabaldes. No final da embriaguez e da preguiça, há o afrouxamento dos laços familiares, o lixo da promiscuidade, o progressivo esquecimento de sentimentos honestos e, depois, como resultado a vergonha e a morte. Isto é a moral em ação, simplesmente. (ZOLA, 1877, p. 1-2, tradução nossa).

Como já anunciado por Zola, neste romance é possível encontrar traços marcantes do cientificismo genético e do vício etílico, os quais foram responsáveis por levar a família de operários à decadência e, impreterivelmente, à morte. Zola ainda ressalta no prefácio esse cientificismo, alegando que se baseia na verdade e refuta a fantasia, trazendo a realidade social que parte do povo – “É uma obra de verdades, o primeiro romance sobre o povo, que não mente e que cheira a povo” (ZOLA, 1877, p. 2, tradução nossa).

No enredo, a lavadeira Gervaise Macquart era amante de Auguste Lantier, com quem tivera três filhos: Claude Lantier, Jacques Lantier e Étienne Lantier – os quais aparecerão em outros romances da saga *Les Rougon-Macquart*. Logo no início do romance, a lavadeira é abandonada pelo charlatão, que fugira com uma jovem do bairro operário, deixando-a desamparada com os filhos. Em seguida, Gervaise se casa com o soldador Coupeau, tendo como fruto do casamento a pequena Nana.

Já em união, durante um dia de trabalho em um telhado, Coupeau se acidenta em queda, sendo obrigado a ficar afastado do ofício. Neste ínterim, o soldador toma gosto pelo ócio, pela preguiça e pelo álcool, passando a consumir bebidas alcoólicas pelas tabernas das ruas do bairro Goutte D'Or. Diante desses hábitos, tão logo desenvolveu o vício alcoólico, tornando-se alcoólatra. Gervaise, por sua vez, não consegue obter todo o provento da família

unicamente, e logo a família inicia um processo de crescente pobreza. Não somente, Gervaise também passa a consumir bebidas alcoólicas, em razão do contato com o marido e também de sua predisposição genética, considerando sua hereditariedade: seu pai era alcoólatra e seu primeiro contato com álcool foi através da mãe, com quem bebia anis (ZOLA, 1877, p. 48).

Centenas de vezes ela contara as noites em que o pai, entrando em casa a cair de bêbado, a vinha [a mãe] procurar e tão brutais eram as suas carícias, que quebrou os membros; com toda a certeza ela [Gervaise] tinha nascido duma dessas noites com sua perna encolhida. (ZOLA, 1877, p. 46, tradução nossa).

A hereditariedade de Coupeau e sua tara alcoólica também é questionada ao final do romance, com o soldador já internado e agravado pelo alcoolismo e pela loucura:

- O pai deste homem [Coupeau] embebedava-se?
 - Sim, senhor, um bocado, como todo mundo... Ele morreu caindo de um telhado, num dia que estava bêbado.
 - E a mãe bebia?
 - Senhora! meu senhor, como toda a gente, sabe, uma gota aqui, outra gota acolá... Oh! a família é boa!... Tinha um irmão, morreu muito jovem de convulsões.
- (ZOLA, 1877, p. 555-556, tradução nossa).

O contato com a tara alcoólica, para Gervaise e Coupeau, era algo irrefutável levando em consideração suas experiências e ascendências. Não somente, por conseguinte, o casal Coupeau passou a apresentar distúrbios psicológicos, manifestações da loucura, em decorrência, essencialmente, do vício.

Depois desse dia, como Gervaise ia se transtornando da cabeça, uma das curiosidades dos vizinhos era ver como fazia igual a Coupeau. Já não era mais necessário pedir-lhe, ela dava o espetáculo gratuitamente, tremor dos pés e das mãos, soltando gritinhos

involuntários. Sem dúvida tinha contraído aquele tic em Sainte-Anne, resguardando demasiadamente seu marido.

[...]

Gervaise andou desse modo por dois meses. [...] Assim que juntava quatro soldos, ela bebia e batia nas paredes.

(ZOLA, 1877, p. 567-568, tradução nossa).

Tal prerrogativa vai ao encontro das teorias eugenistas e das ciências psiquiátricas do período – século XIX – ao considerarem que o álcool, na interação com o organismo, era capaz de afetar a organização psíquica do indivíduo, lesionando-o e levando-o a uma degeneração – “Degenerar significava estragar, corromper, depravar; significava, ainda, morbidez” (SANTOS, 1995, p. 123) – não só moral, como também social: “As degenerações, por partirem do domínio moral, vinculavam o mau comportamento dos órgãos humanos ao mau comportamento dos indivíduos” (SANTOS, 1995, p. 123). Assim, Zola em seu enredo explora de maneira fiel a relação alcoolismo e loucura, de acordo com as asserções científicas em torno do assunto, atuais à época de sua escrita. Segundo os estudos do período, o álcool era responsável por degenerar o homem e, frente à sociedade na qual estava inserido, dissolver sua moral, irrompendo a imoralidade social, visto que

A água da vida [o álcool] animaliza o homem: as carcaças tortas, os quebra-cabeças, degradam seu corpo, fazem-no perder toda a dignidade. [...] O álcool, acima de tudo, desperta o imbecil que, segundo Zola, está dormindo no fundo de todo homem, o enlouquece, o leva à morte. (BECKER, 1972, p. 48, tradução nossa).

Arelada à esta concepção, tendo em vista também o fator social determinante para as ações dos seus personagens, o romancista também reitera o discurso da sociedade francesa diante do alcoolismo. Se Gervaise e Coupeau foram levados ao vício, isso se deve ainda pela própria sociedade operária que teve influência direta sobre essa fraqueza do casal. Isso porque nestes bairros operários, como o retratado em *L'Assommoir*, Goutte

D'or, o álcool era tido como uma forma costumeira de alívio para os trabalhadores que eram expostos às péssimas situações de trabalho, a baixos salários, às inferiores condições de vida e à miséria: “Nos Annales médico-psychologiques, por exemplo, psiquiatras famosos uniram-se num grito geral de angústia burguesa descrevendo os operários parisienses como bêbados debochados, violentos, maníacos bebedores de absinto” (HARRIS, 1993, p. 267, apud SANTOS, 1995, p. 88).

Tal dado social, ainda, se relacionava com a proliferação de doenças nestes subúrbios, também aliada ao alcoolismo, principalmente venéreas e pulmonares, como a sífilis, a tuberculose e a pneumonia, mas todas em razão dessa sociedade e das altas classes que a regiam e submetiam as demais a estas condições sub-humanas.

Porque ela [a sociedade] tolera o alcoolismo e até contribui para o seu desenvolvimento; porque força o desemprego, dá salários insuficientes, empurra para a prostituição ou o roubo, não assegura contra acidentes, doenças, velhice; porque a promiscuidade, moradias estreitas, falta de educação, trabalho a partir dos onze ou doze anos de idade, tornam as pessoas invejosas, tolas, más, supersticiosas e desonestas. Os trabalhadores estão presos em um universo que, como vimos, é hostil e os degrada. (BECKER, 1972, p. 63, tradução nossa).

Assim como definiu Zola em *Le roman expérimental*, o meio social sobre o homem – no caso, a sociedade burguesa sobre o proletariado – possui um papel intrínseco na constituição do indivíduo e é responsável por suas manifestações na própria comunidade. E o álcool, para este indivíduo, era buscado como forma de redenção, devido à pressão sofrida pelo próprio corpo social. É um trabalho de mão-dupla, recíproco: a sociedade sobre o homem e o homem sobre a sociedade.

Não obstante, os hábitos alcoólicos de Gervaise e Coupeau levam ambos a desenvolverem distúrbios psicológicos e a apresentarem comportamentos desajustados para o convívio social: a chamada loucura.

O marido da lavadeira ainda é internado em um manicômio em Paris, no Sainte-Anne, para tratamento e cura de seu alcoolismo e das moléstias mentais, mas acaba não resistindo, desenvolve outras doenças e morre pouco tempo depois. Gervaise, por outro lado, mesmo apresentando sinais aparentes de loucura, como os de Coupeau, não chega a ser internada, mas morre pouco tempo depois do marido, já degenerada, pelo álcool e pela loucura.

É possível encontrar nesta passagem, ainda, teses científicas vigentes no período, que consideravam o álcool, além de propiciador de outras doenças já referidas, responsável por desenvolver a loucura e outras moléstias mentais nos indivíduos que interagissem de modo excessivo com a substância etílica. A tão conhecida loucura do século XIX, retratada em obras literárias – como em *L'Assommoir* –, discutida em *Annales* de psiquiatria, presente nos discursos médicos e filosóficos, como na célebre *História da loucura na Idade Clássica* (1961), de Michel Foucault, foi consistentemente atrelada ao vício alcoólico. Estudos e pesquisas apontavam

[...] os fatores sociais – como certas condições de vida, hábitos, costumes – como capazes de exercer uma grande influência no sentido de contribuir largamente para o desenvolvimento do vício da bebida e de outras desordens mentais. Neste contexto, estas eram vistas não só como resultados de problemas orgânicos e hereditários, mas também como fruto da influência de certos meios e ambientes sociais, considerados inadequados, ou, ainda, de uma educação corrompida. (SANTOS; VERANI, 2010, p. 410).

No enredo, o meio operário e a herança genética da lavadeira e do soldador levaram os personagens ao consumo de bebidas alcoólicas que, por sua vez, foi responsável pelo desenvolvimento da loucura aparente. O alcoolismo era aproximado da loucura na medida em que ambos manifestavam a ausência de consciência e da moral nos atos praticados pelos indivíduos, nesta interação (SALES, 2010, p. 182).

Assim, a manifestação da loucura e o interesse social sobre ela desponta no século XIX, juntamente das novas descobertas científicas, principalmente no campo da biologia, da medicina e da psiquiatria (em emergência). Tão logo as acompanhou, os ideais da medicina social e as propostas de internamento e reclusão, limpeza e tratamento destes indivíduos acometidos pela loucura e outras patologias mais. Na França, o Hospital Geral, fundado em 1656, antes utilizado pelos leprosos e outros doentes que perturbavam a ordem social, passa a receber os chamados loucos, visando o internamento como método de tratamento: “A partir da metade do século XVII, a loucura esteve ligada a essa terra de internamentos” (FOUCAULT, 1978, p. 55), perdurando por mais de dois séculos. Estas casas de internação, hospitais ou casas de correção, correspondiam às novas formas de reação do Estado a estes doentes, inválidos, vadios e loucos que perturbavam a ordem e a moral pública, atrapalhando, dessa forma, o desenvolvimento e o progresso social.

Pouco tempo depois, em 1909, os temas alcoolismo e loucura são resgatados por outro exemplar naturalista, mas agora brasileiro: *Alma em delírio*, romance do escritor gaúcho Pedro de Castro do Canto e Mello². Ambientado majoritariamente na cidade do Rio Janeiro, durante o século XIX, o romance em primeira pessoa narra a história de Rogério Duarte, um ex-soldado combatente em importantes conflitos, como a Guerra do Paraguai (1864-1870). Após suas experiências enquanto guerrilheiro, o soldado muda-se para a cidade carioca, logo após casar-se, mas vive uma vida infeliz, devido, principalmente aos traumas das batalhas das quais participou. Tão logo, passou a consumir bebidas alcoólicas também em razão de suas angústias e transtornos, como forma de amenizar seus sofrimentos. Assim como em *L'Assommoir*, Duarte desenvolve o vício alcoólico e a loucura consequente, passando a apresentar distúrbios, visões, alucinações, delírios e atos violentos que, irremediavelmente, o levaram à internação em um hospício: “num extraordinário assomo de loucura, devida a excessivos alcoólicos, [...] [foi] internado num manicômio” (MELLO, 1914, p. 15).

Essa construção – ou melhor, experimentação – feita pelo escritor através deste personagem, confirma a tese

da heterogeneidade da loucura que, além de ser motivada e agravada pelo alcoolismo, é decorrente também de traumas ou memórias traumáticas que aproximam o indivíduo do delírio e da confusão mental, conforme lembra Foucault ao falar das lembranças que levam à decomposição do pensamento,

A loucura tem sintomas variados ao infinito. Em sua composição entra tudo o que foi visto e ouvido, tudo o que foi pensado e meditado. Ela aproxima aquilo que parece mais afastado. Lembra aquilo que parece ter sido completamente esquecido. As antigas imagens revivem; as aversões que se acreditavam extintas renascem; as inclinações tornam-se mais acentuadas; mas tudo, então, fica desorganizado. As ideias, em sua confusão, parecem-se com os caracteres de uma tipografia reunidos sem propósito estabelecido e sem inteligência. O que resultaria daí não teria um sentido coerentes. (PORÉE, [1735], apud FOUCAULT, 1978, p. 279, grifos nossos).

É possível notar nessa narrativa, ainda, além da presença do tema do alcoolismo associado à tese científica de que conduzia à loucura e das memórias traumáticas que levavam tanto ao alcoolismo quanto aos delírios, a presença do sanatório como um local de reclusão, tratamento e cura, mas, agora, ambientado no contexto social brasileiro, também na segunda metade do século XIX e início do XX. O personagem Rogério Duarte, após um ímpeto de loucura, ao tentar assassinar seu próprio médico, em decorrência de delírios e alucinações, acreditando que este tinha uma relação amorosa com sua esposa, é levado à força ao hospício, como retrata a seguinte cena:

Quando recuperei os sentidos, estava dentro de um carro fechado, que rodava, não sei para onde.

No mesmo carro seguiam comigo trez homens desconhecidos.

Vi que minha roupa estava suja de sangue. Senti umas agulhadas na cabeça. Quiz levar a mão ao lugar, para apalpar, e não pude: -

tinha os braços voltados para traz e as mãos amarradas.

Quiz erguer-me, para arrombar com pontapé a portinhola do carro, atirar-me na rua e fugir. Os homens precipitaram-se sobre mim, tolhendo-me os movimentos.

Quiz mordel-os, para que me deixassem e elles, para evitar as dentadas, passaram-me um lenço sobre a bocca e amarraram-me sobre a nuca as extremidades do mesmo.

[...]

Depois o carro parou. Um dos homens abriu a portinhola e saltou. Saltou o segundo.

O terceiro, segurando-me os braços pelo lado das costas, disse-me: - Vamos!

Desci. Ao saltar na rua, os dois homens que tinham descido primeiro, colocaram-se aos meus lados, tomando-me os braços. Olhei em torno. Ia escurecendo. Perto, estava o mar e lá, no extremo, o morro da Viúva, que eu conhecia bem.

Olhei para o outro lado: lá estava o perfil branco da Escola Militar, destacando-se como um longo traço de giz, riscado entre a Urca e a Babilônia.

Conheci o lugar... Era o Hospício!... Eu ia para o Hospício!

[...]

Acudiram empregados do Hospício e lá segui eu, carregado em braços, como um paralytico. Queria gritar e não podia. O lenço que me haviam amarrado á bocca, alli estava, suffocando-me a vóz...

(MELLO, 1914, p. 281- 284, grifos nossos).

Tal descrição de uso de força e da captura inesperada de Rogério, após a tentativa de assassinato, e seu deslocamento até o hospício, do qual ele mesmo se dá conta, vai ao encontro das teorias eugenistas e das campanhas de higienização social motivadas a partir de meados do Brasil oitocentista, as quais visavam essencialmente a reclusão dos chamados loucos para tratamento dos distúrbios providos. O Brasil desejava alcançar o avanço progressista assim como ocorria nos países europeus e o louco – junto de bêbados, inválidos, mendigos – impedia

esse processo de desenvolvimento: “o Brasil caminhava rumo ao desejo de pertencer ao hall das nações civilizadas, para tanto era necessário romper alguns obstáculos, efetuando algumas transformações internas” (ALVES, 2010, p. 25), logo tais obstáculos necessitavam serem corrigidos e nesse ideal surgiram as teorias e campanhas mediadas pela medicina social do período.

Nas primeiras décadas do século XIX já se falava a respeito da loucura como uma patologia médico-social no Brasil e, por volta de 1830, já estava em pauta o papel negativo do louco na sociedade e a necessidade de internação pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro:

A querer-se tratar os doudos como convem que se faça, he preciso não só conserval-os em hum local apropriado, mas também que esse local seja separado, e até afastado de outros estabelecimentos, que possão ser prejudiciaes aos alienados, ou ao methodo de seu tratamento. (DE-SIMONI, 1839, p. 257, apud ALVES, 2010, p. 23).

A intenção era de criar um local moderno e separado das demais patologias, desvinculando-se da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, estruturando um ambiente recluso e de internação, como os modelos europeus. Nesse ínterim, é fundado o primeiro hospício do Brasil, o Hospício de Pedro II, no Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1841, mas inaugurado somente em 1852, apresentando muitas semelhanças com o Hospital Geral da França.

Não menos importante, quando o personagem Duarte descreve minuciosamente (conforme sublinhado na passagem anterior) para onde estava sendo conduzido e reconhece o local, o detalhamento permite inferir que ele foi levado, então, para este mesmo hospício, o de Pedro II. Ao situar que o pavimento está localizado entre o Morro da Urca e da Babilônia, próximo à Escola Militar, as descrições comprovam tal afirmação, trazendo também importantes considerações a respeito, não só ao romance, mas também ao contexto histórico-social, às teorias científicas e aos dados sociais, os quais podem ser levantados em pesquisas.

Como já elencado, as teorias eugenistas do século consideravam o alcoolismo como uma das principais formas de alienação, propiciadora da loucura. Essa informação se converte em dados quando se faz uma investigação dos diagnósticos do Hospício de Pedro II, durante seu funcionamento na segunda metade do século XIX e início do XX, mostrando que a maioria das internações era em razão dos excessos alcoólicos. A incidência entre 1883 e 1900 mostra que 20% de todos os internos eram alcoólatras e por esse motivo foram levados à reclusão e tratamento (ALVES, 2010, p. 121), por conta das moléstias mentais que os acometeram em seguida.

Similarmente, o Hospício de Pedro II também foi abordado de maneira mais descritiva por outro escritor brasileiro, porém, do pré-modernismo: Afonso Henriques de Lima Barreto, em *O cemitério dos vivos*, romance inacabado postumamente publicado. Lima Barreto, de acordo com suas próprias notas de vida e com seus biógrafos, era alcoólatra e igualmente desenvolveu acessos de loucura, sendo internado neste mesmo primeiro hospício brasileiro, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, cuja vivência deu origem ao *Cemitério*, onde mesclam-se fatos verídicos e ficção.

O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível <beleza>; quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio [...]. (BARRETO, 1993, p. 27).

Portanto, nota-se a importante marca e o papel do Hospício de Pedro II nesta virada de séculos, em acordo com as severas teorias eugenistas e de higienização social, impostas pelo Estado e mediadas pela medicina social, visando seguir “os preceitos sanitaristas de profilaxia e de intervenção no social, corroborando dessa forma com um projeto de modernização e higienização da sociedade brasileira. As reformas e a criação de instituições

asilares nas principais capitais brasileiras vieram corroborar com esse projeto.” (COSTA, 2008, p. 205).

Ainda, o romance *Alma em delírio* toma uma forma mais próxima das teorias vigentes do período, atreladas à ciência psiquiátrica, a partir da dedicatória tentada por Canto e Mello. O escritor dedica seu romance, de maneira respeitosa e com certo tom de idolatria, ao Dr. Franco da Rocha³, importante e renomado médico psiquiatra do início do século XX, fundador e diretor do Hospício de Juqueri, em São Paulo, à época da publicação do romance.

Ao illustre psychiatra brasileiro
Dr. Franco da Rocha
Director do Hospicio de Alienados de Juquery
(S. Paulo – Brasil)
O. D. e C.
PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELLO
S. Paulo – Abril – 1909.
(MELLO, 1914, p. 5).

Além dos motivos evidentes, de que a dedicatória condiz com a temática abordada no romance – da psiquiatria – e do papel de homenagem presente nela, esse paratexto vai além ao garantir uma validação para o romance (GENETTE, 2009). Com a dedicatória, Canto e Mello assegura o caráter verídico das teorias expostas à experimentação naturalista em *Alma em delírio*, sustentando tais teses no embasamento clínico e tendo também encontrado incentivo e orientação junto ao psiquiatra, de acordo com Cláudio Bertolli Filho (2001, p. 107).

Para mais, outras doenças como as pulmonares tuberculose, hemoptise e pneumonia, também eram ocasionadas por conta do alcoolismo, segundo os discursos científicos dos séculos XIX e XX, e foram abordadas nestes romances naturalistas. Os personagens Gervaise, Coupeau são afetados pela tuberculose e pela pneumonia e Rogério Duarte, além da tísica pulmonar, pela hemoptise. Se a loucura era um fator hereditário e agravava-se pelos abusos alcoólicos, afetando o indivíduo e sua posição na sociedade, estas outras doenças também ocupavam os mesmos fatores e a mesma colocação: de proliferação nas mazelas sociais.

Muito mais, não é necessariamente uma doença que provoca outra, mas algo como um vício, um defeito. A embriaguez, por exemplo, vai provocar na descendência qualquer outra forma de desvio de comportamento, seja a alcoolismo, claro, seja uma doença como a tuberculose, seja uma doença mental ou mesmo um comportamento delinquente. (FOUCAULT, 2002, p. 399).

Todas essas patologias, de caráter hereditário e asseveradas pelo alcoolismo, levavam à degeneração do indivíduo, à decadência moral e social,

Isto porque a Peste Branca [tuberculose] foi definida desde os meados do século passado como ‘moléstia social’ que, alinhada à sífilis e ao alcoolismo, constituíram-se num dos principais conjuntos desafiadores da ordem social, inerente ao contexto das revoluções burguesas. (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 14).

Por esse viés se justifica o alto índice de internações no período correspondente, devido aos estudos e crenças em torno destas moléstias que asseguraram o internamento – em hospícios, casas de correção, manicômios e hospitais psiquiátricos – a melhor forma de tratamento e solução deste problema de conjuntura não só médica, mas também social.

[...] dentre os três grandes fatores de decadência humana, a saber: o alcoolismo, a loucura e a criminalidade e as três grandes enfermidades populares: o alcoolismo, a tuberculose e sífilis, o álcool se apresentava como a causa central desses malefícios à humanidade e à saúde coletiva. A associação entre alcoolismo e loucura era possível na medida em que a ingestão alcoólica era identificada como um dos fatores de origem da loucura. Da mesma forma, o uso do álcool levaria à prática de atos delituosos. Por sua vez, os tuberculosos eram identificados também como consumidores de bebidas alcoólicas, fator esse considerado etiológico dessa doença. (COSTA, 2008, p. 202).

Logo, o louco, o tuberculoso, o doente em geral, resultado da tara alcoólica, era encarado nas sociedades francesa e brasileira do século XIX como um indivíduo nocivo para a comunidade, como bem arrolou os autores Émile Zola e Canto e Mello em suas respectivas narrativas, *L'Assommoir* (1877) e *Alma em delírio* (1909), concatenando as teorias e teses das ciências biológicas, médicas e psiquiátricas do período representado nos romances, demonstrando, por meio da experimentação do romance naturalista, tais concepções no âmbito social: o homem enquanto indivíduo passível de influências genéticas e do meio, agindo sobre o meio social; e a sociedade, por sua vez, em reação a esse indivíduo de temperamentos e ações comportamentais diversas.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Alcoolismo e loucura são, além de temas, práticas sociais presentes na história da humanidade desde a Antiguidade. O consumo de bebidas alcoólicas esteve ligado, nesse espaço-tempo, a manifestações culturais e ritualísticas, atribuindo diversas acepções e significados próprios. Não somente, a loucura não possui uma definição concreta, mas sim um caráter atemporal, sendo conceituada de diferentes formas e por incongruentes meios e domínios: na Antiguidade, era ligada à ordem do divino, cujos sujeitos afetados constituíam-se profetas; a partir do século XV, foi atribuída a ações de demônios e outras entidades diabólicas; chegando finalmente nos séculos XVIII e XIX, quando a partir do desenvolvimento das ciências, especialmente as médicas e psiquiátricas, o conceito de loucura passou por significativas transformações e foi encarado como uma desorganização psíquica e orgânica do indivíduo, correlacionada à ideia de erro e imoralidade (FOUCAULT, 1978).

Isto posto, sabe-se do poder da literatura enquanto enciclopédia, que abarca todos os saberes, e seu poder realista quando apossa-se do real – como seu principal objeto de desejo – para constituir-se como tal, interessando-se pelos assuntos inerentes à essa ordem do real, conforme reiterou Barthes (2013). Tão logo, a complexidade em torno da loucura e do alcoolismo possibilita um campo de atuação farto e propício para as narrati-

vas literárias que se interessam por essas temáticas, de modo a explorá-las de maneiras plurais.

No Naturalismo, vertente que prezava o cientificismo e a verdade, tais temas ocuparam um espaço especial em seus exemplares, de modo a demonstrar as teorias vigentes e em ebulição no século XIX e início do XX. Neste rol, os romances de Émile Zola e de Canto e Mello constituem obras relevantes para a literatura nacional e internacional, não apenas para o campo literário: também para se entender a maneira como as ideias e práticas foram imperantes durante os períodos representados nas narrativas, servindo de referência para demais áreas, como a da psiquiatria e da psicologia, por exemplo, como bem lembrou Dupré (PÉREZ-RINCÓN, 2010).

Assim, os romances *L'Assommoir* e *Alma em delírio*, ambos naturalistas, embora em contextos histórico-sociais distintos, constituem importantes obras para se entender as patologias inerentes ao século XIX, as práticas alcoólicas, os distúrbios mentais e outras doenças mais ocasionadas por esse alcoolismo. Também, principalmente o romance brasileiro, aponta para as questões problemáticas e conceituais da época dos procedimentos e aplicação das internações e a instalação de hospícios no país, mediados pela medicina social e pelas reformas urbanas. Outras doenças mais surgem no imaginário literário dos romances naturalistas: além da loucura, é possível verificar a demência, a tuberculose, a hemoptise e a pneumonia, altamente alastradas na França e no Brasil oitocentistas. Logo, pode-se afirmar que as narrativas aqui analisadas constituem romances experimentais por excelência, ao partirem do nível da realidade social, correlacionando as teorias científicas em voga à época dos escritos e realizando, dessa forma, uma experimentação, demonstrando tais temas e teses – e confirmando-as.

Por fim, em algumas palavras finais, patologias, doenças, pragas e epidemias sempre se configuraram um campo fértil para a literatura, exacerbando o poder criativo de escritores ao redor do mundo. As abordagens aqui demonstradas fazem refletir a conjuntura atual, em plena pandemia, onde o discurso científico se faz

notório assim como se encontrava nos séculos XIX e XX, recortes dos romances – pode-se falar ainda que em pleno século XXI, o mundo inteiro vivencia de forma absoluta “uma estranha época de loucura e vergonha”, assim como proferiu Zola ao encarar seu tempo (1871, apud MITTERAND, 1999, p. 27, tradução nossa). Em conclusão, as narrativas aqui apresentadas são apenas uma mínima parcela de todas as produções na história literária universal que se apoiaram – com mais ou menos realismo – nestes desastres biológicos trans-históricos. À vista disso, pode-se inferir que a literatura ocupa um importante papel como mediadora do diálogo existente entre o discurso científico e o discurso social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lourence Cristine. *O Hospício Nacional de Alienados: Terapêutica ou higiene social?*. 2010. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario_hospicio_cemiterio_vivos.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.
- BARTHES, Roland. *Aula: Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BECKER, Colette. *L'Assommoir – Zola*. Paris: Hatier, 1972.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1990-1950*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.
- COSTA, Raul Max Lucas da. Alcoolismo, discurso científico e escrita de si no Diário do Hospício de Lima Barreto. *Antíteses*, Londrina, v. 1, n. 1, jan.- jun., p. 188-208, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1432/1628>. Acesso em: 24 de set. 2020.
- DE-SIMONI, Luiz Vicente. Importância e necessidade da criação de hum manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados. *Revista Médica Fluminense*, n. 05, 1839.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HARRIS, Ruth. *Assassinato e loucura: medicina, leis e sociedade no fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MELLO, Canto e. *Alma em delírio*. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

MITTERAND, Henri. *Le roman naturaliste: Anthologie*. Paris: Librairie Générale Française, 1999.

PÉREZ-RINCÓN, Héctor. Literatura e psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 13, n. 3, São Paulo, set. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142010000300001&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 de ago. 2020.

SALES, Eliana. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. *Cadernos de História UFPE*, Recife, v. 7, n. 7, p. 167-203, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. *Alcoolismo: a invenção de uma doença*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280669/1/Santos_FernandoSergioDumasdos_M.pdf. Acesso em: 4 de ago. 2020.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, p. 401-420. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/08.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

ZOLA, Émile. *L'Assommoir*. Paris: G. Charpentier, 1877. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10750546/>. Acesso em: 24 ago. de 2019.

ZOLA, Émile. *La Fortune des Rougon*. Paris: Lacroix, 1871.

ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no teatro*. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ZOLA, Émile. O senso do real. In: ZOLA, E. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Edusp, 1995, p. 23-48.

NOTAS

1. Canto e Mello, apagado pela crítica e história literárias, foi um escritor atrelado ao movimento naturalista, mas tardiamente, publicando seus romances no século XX, quando a vertente já estava em decadência. Na referida dissertação de mestrado, o objetivo é resgatar escritor e obra, pois ambos apresentam temas relevantes e significações mais para a literatura brasileira.
3. Francisco Franco da Rocha (1864-1933), foi fundador e idealizador do Hospital Psiquiátrico de Juqueri, uma espécie de colônia agrícola, fundado em 1898, o primeiro de São Paulo, para tratamento dos distúrbios psicológicos enfrentados pela população. Foi pioneiro na implantação da psicanálise no Brasil e defensor da eugenia (aperfeiçoamento da raça).

O AUTOR

Rodrigo Donizeti Mingotti

É graduado em Letras – Português/Francês, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto, e Mestrando do curso de Pós-Graduação em Letras pelo mesmo Instituto, sob os auspícios da CAPES e orientação da Prof^a Dr^a Norma Wimmer. Realiza pesquisas na área de Literatura, com enfoque nos estudos comparados, principalmente no que diz respeito às relações Brasil-França. Outros assuntos de seu interesse são as intersecções História, Cultura e Literatura, o escritor francês Émile Zola e o romance brasileiro dos séculos XIX e XX. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8039-6137>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7828216139106651>. E-mail: rodrigo.mingotti@unesp.br.